

# O ESPÍRITO LIVRE NA III EXTEMPORÂNEA

PAMELA CRISTINA DE **GOIS\***

**RESUMO:** Na terceira das chamadas Considerações Extemporâneas, que tem o título Schopenhauer como educador (1874), o tipo filosófico do “espírito livre” é anunciado por Nietzsche e apresentado como oposto ao da figura do erudito. Tal tipo cria a si mesmo a partir das suas próprias regras, desvinculado de qualquer instituição prescritiva. Aqui, Schopenhauer é identificado como um espírito livre, por força de suas críticas à universidade, ao conhecimento acumulativo e à figura da erudição livresca. Por essas razões, Nietzsche também o reconhece como modelo de educador para os espíritos livres.

**PALAVRAS-CHAVES:** Nietzsche. Schopenhauer. Espírito livre.

**ABSTRACT:** In the third of called Extemporaneous Considerations, which has the heading: Schopenhauer like educator (1874), the philosophical type of “free spirit” is announced by Nietzsche and showed as opposed to the erudity figure. Such as type creates itself from its own rules, divesting some prescriptive institution. In here, Schopenhauer is identified like an free spirit, by power of his critics to University, about cumulative knowledge and the figure of bookish erudition. These reasons, Nietzsche also to recognize him like an educator model to free spirits.

**KEY-WORDS:** Nietzsche. Schopenhauer. Free spirit.

\* Graduação em história e filosofia, especialização em filosofia moderna e contemporânea aspectos éticos e políticos e mestrado em estética e filosofia da arte.

## O EDUCADOR VERSUS O ERUDITO

Para Nietzsche, seu mestre Schopenhauer fora um filósofo e escritor honesto, na medida em que todo seu pensamento derivava de uma reflexão própria. Nietzsche admira o homem que foi Schopenhauer, justamente por ele ter pensado livremente. Na *III Consideração Extemporânea* de 1874, *Schopenhauer como educador* (SE), o filósofo é reconhecido por Nietzsche como um espírito livre<sup>1</sup>, pois se desvinculou da tradição, desgarrou-se do rebanho e educou a si mesmo. Como veremos adiante, o elogio a Schopenhauer deriva principalmente da sua postura diante do Estado, da religião e da própria filosofia como disciplina acadêmica. Nietzsche reconhece o quanto o filósofo destoa do seu tempo, não se submete aos valores de sua época e cria seu próprio pensamento, tornando-se, no processo, um espírito livre. Apenas um filósofo livre poderia escrever o que Schopenhauer escreve, “ele é honesto, mesmo como escritor” (SE, § 2, p. 148).

A *III Extemporânea* de Nietzsche “representará uma primeira aparição, embora tímida e apenas insinuada, do tema do espírito livre” (WEBER, 2011, p. 150). Primeiramente, para entendermos porque Nietzsche concede a qualificação de espírito livre ao seu mestre, iremos analisar, de maneira concisa, a própria posição de Schopenhauer sobre a educação, pois ela é seu principal elo com o livre pensar.

Em seu ensaio intitulado *Sobre a filosofia universitária*, Schopenhauer levanta objeções à figura do erudito de sua época, opondo-se diretamente à sua prática. Para ele, tal figura, ao invés de criar algo novo, apenas acumula conhecimento e repete o que recebeu como verdade sem exame nem reflexão. A crítica schopenhaueriana se dirige, sobretudo, aos filósofos de cátedra, aos seus modos de ensinar filosofia e também à própria ideia de cultura que aí se articula. Esta gera pessoas incapazes de ter pensamentos próprios, que apenas reproduzem aquilo que lhes é imposto. Neste texto, o filósofo demonstra como os educadores, a religião e o Estado se relacionam na formação da cultura. Para se esquivar dessa conjuntura é preciso, antes de tudo, libertar o pensamento, pensar

longe das academias. O filósofo pessimista não tem esperança em uma cultura alemã promissora, exceto se desvinculada dessa conjuntura. Em tom irônico, ele ressalta:

[...] designei a religião como a metafísica do povo. Assim, é claro que os professores de filosofia também devem ensinar o que é verdadeiro e certo; mas justamente o que é verdadeiro e certo tem também de ser, no fundamento da essência, o mesmo que a religião do Estado ensina, já que ela é **igualmente verdadeira e certa** (SCHOPENHAUER, 2001, p. 5).

Schopenhauer compreende que a filosofia ligada ao Estado se torna instrumento de disseminação da religião oficial. Em outras palavras, a filosofia universitária apenas intensifica as crenças de determinada cultura. Assim,

Enquanto a Igreja existir, só poderá se ensinar nas universidades uma filosofia que, composta em total consideração para com a religião do Estado, caminhe, no essencial, paralelamente engalanada e, assim, difícil de entender – de fato nada mais seja, no fundo e no principal, que uma paráfrase e uma apologia da religião do Estado (SCHOPENHAUER, 2001, p. 6).

Para ele, o conhecimento filosófico, tal como reproduzido nas universidades, é dogmático. Ajuda o Estado a manter seu domínio, pois os filósofos de cátedra são servos do Estado, já que este não recompensaria professores que não reproduzissem seus ideais.<sup>2</sup> A crítica que Schopenhauer faz aos filósofos de sua época está ligada à ideia de que eles se apossaram da filosofia da tradição, escreveram livros sobre ela, mas nada falam de seus próprios pensamentos. A tarefa de tais homens consiste apenas em tentar refutar as ideias de filósofos ditos consagrados. Eles também têm o objetivo de ocupar um lugar de prestígio, tentam, a todo custo, embasando-se na retórica, mostrar que sua filosofia é superior à dos pensadores clássicos.<sup>3</sup> Para o filósofo, o interesse desses educadores é apenas o de vender o seu trabalho para o Estado. Desta forma, “podem-se dividir os pensadores entre os que pensam para si mesmos e

os que pensam para outros; estes são a regra; aqueles, a exceção” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 25).

Schopenhauer defende que a filosofia não deve ser um ganha-pão, pois isso pode corrompê-la em favor do Estado. Portanto, para ser filósofo seria preciso não ser servo de qualquer instituição. Pensar por si próprio só é possível longe das universidades. Segundo ele, “que a filosofia não seja própria para o ganha-pão, já o provou Platão em suas descrições dos sofistas, que ele contrapõe a Sócrates” (SCHOPENHAUER, 2001, p.27).

Além de não expressarem um pensamento próprio, os eruditos também têm como característica “o escrever sem ter propriamente algo a dizer” (SCHOPENHAUER, 2001, p.42). Nada neles vem da honestidade, valor decisivo para o filósofo: “conheço algo que ainda é sempre mais valioso, a saber, a honestidade – a honestidade, tanto no modo de vida como no pensar e ensinar” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 83). O filósofo julga que esta honestidade é um valor ausente nos professores universitários de sua época, que não são filósofos, mas apenas funcionários a serviço do interesse do Estado em manter seu poder. O conhecimento de tais eruditos é somente acumulativo, eles não ensinam os jovens a pensar, apenas ensinam história da filosofia de maneira muito problemática.

O interesse pela figura de Schopenhauer e por estas questões que ele propõe levou Nietzsche a incluir nos prefácios de 1872, que antecedem seu projeto de escrita futura, o prefácio intitulado *A relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã*.<sup>4</sup> Nele, o filósofo trata com desprezo a situação cultural de seu país, mas se põe esperançoso por uma cultura ainda por vir. Esta teria como filósofo inspirador Arthur Schopenhauer:

Vocês têm aqui o filósofo – agora procurem a cultura que lhe pertence! E se puderem sentir que tipo de cultura deve ser esta, que corresponde a tal filósofo, terão neste pressentimento acerca de toda a sua formação e acerca de vocês mesmo, – o veredito! – (CP, §A *relação da filosofia de Schopenhauer com uma cultura alemã*, p. 70).

Observe-se que a crítica proposta por Nietzsche aos alemães também se relaciona com o eruditismo. Porém, ao mesmo tempo em que sente profundo desgosto com a cultura de seu tempo, em função de sua sede de “erudição historiográfica”<sup>5</sup>, ele acredita na disposição dos alemães de se tornarem pensadores. Nietzsche não perde a expectativa num tipo peculiar de formação, avessa aos moldes modernos vigentes em sua nação. Segundo Rosa Dias,

Todo o sistema educacional é aí concebido como se o jovem pudesse descobrir sua vida nas técnicas passadas, como se a vida não fosse um ofício que é preciso aprender a fundo. Quem quisesse pulverizar esse tipo de educação deveria, segundo Nietzsche, ser porta-voz da juventude, iluminá-la com uma nova concepção de educação e cultura (DIAS, 2009, p. 53).

Assim, as *Considerações Extemporâneas* nos mostram escritos de um filósofo para um tempo futuro, para pessoas livres de espírito, desvinculadas daquelas instituições formadoras de convenções sociais e do eruditismo. Na *III Extemporânea*, o filósofo defende que ser um “animal de rebanho”<sup>6</sup>, aceitar o pensamento já instituído, é mais cômodo para o homem do que criar algo novo. No início deste escrito, Nietzsche fala sobre um viajante que passou por muitos países e notou que a propensão à preguiça é uma característica que emerge entre a maioria dos homens. Essa preguiça provém da ideia de que, para libertar-se daquilo que é imposto pelo meio, é necessário muito esforço intelectual.

Aqui a figura do artista aparece em contraponto ao pensamento gregário: “Somente os artistas detestam este andar negligente, com passos contados, com modos emprestados e opiniões postizas, e revelam o segredo, a má-consciência de cada um” (SE, § 1, p. 138). O texto em questão apresenta Schopenhauer como um tipo de educador ligado a essa figura do artista, que está sempre criando.

Portanto, é contra a educação tradicional das universidades de sua época, calcada na valorização exclusiva do erudito, que Nietzsche fala. Neste contexto, entende-se que a arte não tem

papel significante, pois ela é ilusão, aparência. Nas universidades, onde o conhecimento privilegiado é aquele ligado à ciência, não há espaço para a atuação de uma sensibilidade afim à arte. Esta traz consigo a necessidade de se reinventar constantemente, algo que não ocorre com as tradicionais disciplinas lecionadas ali. Também a filosofia desaparece. No currículo acadêmico ela adquire semelhança com outras disciplinas nas quais os alunos apenas estudam e aprendem a reproduzir algo já criado.

Schopenhauer é um espírito livre dessas amarras do eruditismo, ele de fato é filósofo, não um professor burocrata. O educador, figura central na discussão da *III Extemporânea*, está em oposição ao erudito. Assim, os filósofos de cátedra não seriam filósofos propriamente ditos, apenas funcionários que atendem à demanda e aos interesses daqueles que os governam.

Este escrito nos leva a refletir sobre a seguinte situação. Por um lado, cabe pensar sobre que tipo de educadores os espíritos livres tiveram, o que implica considerar quais seriam suas condições ideais de educação. Por outro, cumpre entender que tipo de educadores criam os espíritos cativos, isto é, os homens escravos do seu tempo. De uma parte, temos Schopenhauer como modelo de educador dos espíritos livres, sendo ele próprio um deles, enquanto que, de outra, temos os filósofos de cátedra, que afirmam ainda mais o pensamento de rebanho. A lição que Nietzsche deixa é a ideia de que só um espírito livre é capaz de educar para a excelência. A educação é, portanto, algo fundamental, “certamente, existe outros meios de se encontrar a si mesmo [...], mas não conheço coisa melhor do que lembrar dos nossos mestres e educadores” (SE, § 1, p. 142).

Sendo assim, o maior problema ocorre quando os educadores não conseguem se desvincular da herança moral do seu tempo. Segundo Nietzsche, “teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores” (SE, § 1, p. 142). Afinal, como os educadores poderiam libertar se já não estivessem eles próprios livres? O filósofo conclui que estes educadores livres não se encontram nas acade-

mias, “é por isso que vou lembrar hoje o nome do único professor, o único mestre de quem eu posso me orgulhar, *Arthur Schopenhauer*, para só me lembrar de outros mais tarde” (SE, § 1, p. 142).

O filósofo afirma que a cultura vigente em seu tempo praticamente impossibilita a existência de tipos livres, já que ser honesto requer coragem para enfrentar os modelos tradicionais vigentes. No texto é destacada a necessidade de tais homens destemidos, dispostos a enfrentar a herança nociva da ascese preconizada pela moralidade cristã. A admiração que Nietzsche sente por Schopenhauer deriva justamente de um reconhecimento dele como um filósofo dotado de honestidade e coragem, que enfrentou, de maneira solitária, a cultura moderna.

Nesse mesmo sentido, a solidão aparece nesta *Consideração Extemporânea* como condição para o pensamento livre. Ela remete a uma busca pela verdade sem depender da tradição, uma vez que o tipo filosófico independente necessita de uma contemplação do mundo à distância. Schopenhauer encarna esse tipo, pois inclusive tinha como companhia apenas seu fiel cão. Segundo Nietzsche,

Ele era verdadeiramente um solitário; realmente, nenhum amigo com a mesma disposição e temperamento se moveu para consolá-lo – e entre um único e outro, há, como entre algo e nada, um infinito. Ninguém que tenha verdadeiros amigos sabe o que é a verdadeira solidão, como se tivesse como adversário todo o mundo à sua volta. – Mas vejo bem que vocês não sabem o que é solidão. Em todo lugar onde houve poderosas sociedades, governos, religiões, opiniões públicas, em suma, em todo lugar onde houve tirania executou-se o filósofo solitário, pois a filosofia oferece ao homem um asilo onde nenhum tirano pode penetrar a caverna da interioridade, o labirinto do coração: e isto deixa enfurecidos os tiranos [...]. Eles sabem bem, estes solitários e livres de espírito, que parecerão constantemente, em qualquer circunstância, diferentes daquilo que eles próprios pensam de si; embora só quieram a verdade e a honestidade (SE, § 3, p.154).

Trata-se aqui de uma filosofia da distância, desvinculada de todo apelo ao que é imediato

e urgente para o espírito da época. Como foi vimos, Schopenhauer, além de se distanciar do tumulto das opiniões correntes, vale-se da sua coragem para denunciar os problemas da filosofia acadêmica.

Para Nietzsche, por conta dos costumes e tradições que foram se instalando na universidade, pelo fato de os filósofos de cátedra ensinarem uma filosofia devota, simplesmente reiterando aquilo a que os alunos já estavam habituados, a grande maioria do público ignorou a filosofia de Schopenhauer. Seus ouvidos estavam acostumados com aquilo que não era conflitante com suas crenças. Isto tudo seria resultado da própria cultura,

Pois sabemos o que é cultura. Quando a ligamos ao homem Schopenhauer, ela quer que preparemos e favoreçamos o engendramento sempre renovado deste homem, travando conhecimento com o que lhe é hostil e tirando-lhe do caminho daquele – em suma, ela quer que infatigavelmente lutemos contra tudo o que nos privou, *a nós*, da realização suprema da nossa existência, nos impedindo de nos tornar em pessoa estes homens de Schopenhauer (SE, § 7, p. 182).

A moderna cultura terminaria por favorecer o nivelamento dos indivíduos. Pensar livremente como fez Schopenhauer é uma tarefa para poucos, apenas para sujeitos solitários. Por essas razões, Nietzsche o reconhece como verdadeiro educador e, além disso, o qualifica como gênio filosófico, um tipo raro, modelo de educador para os espíritos livres:

Aquele, então, que reconhece o que há de desrazão na natureza desta época deve refletir nos meios de fornecer para ela alguns remédios; e sua tarefa será a de apresentar Schopenhauer aos espíritos livres e àqueles que sofrem profundamente com nossa época, reuni-los e produzir através deles uma corrente cuja força deverá vencer a inépcia da qual a natureza dá comumente prova, e hoje ainda, na utilização do filósofo. Tais homens compreenderão que estas são as mesmas resistências que criam obstáculos ao efeito de uma grande filosofia e que entravam a produção de um grande filósofo; além disso,

eles poderão dar-se como objetivo preparar o renascimento de Schopenhauer, em outras palavras, o ressurgimento do gênio filosófico (SE, § 7, p. 203).

Nos termos da filosofia nietzschiana de então, a genialidade de Schopenhauer tem a ver com a acepção primitiva da noção de aristocracia. Nietzsche apresenta aqui, mesmo que de maneira incipiente, uma primeira concepção do espírito livre. Trata-se de um tipo filosófico que se distancia da sua época, é a exceção à regra, está entre os melhores do seu meio, que sempre são poucos. Schopenhauer seria o filósofo desses espíritos livres, justamente por ele próprio ter essa característica, ser crítico em relação à cultura moderna e ao dogmatismo filosófico e criar seu próprio pensamento. Acrescente-se a isso que,

Neste escrito [*Schopenhauer como educador*], Schopenhauer é considerado um “exemplo de vida!”. Nietzsche ignora aqui os grandes conceitos do *Mundo* (liberdade, coisa-em-si, fenômeno, vontade) e toma Schopenhauer como a imagem de si. A ideia schopenhaueriana de um modelo de filósofo (crítico da Universidade, independente em relação ao Estado e a sociedade) leva Nietzsche a considerá-lo um protótipo, um padrão de julgamento da figura do filósofo. Outra ideia, esta propriamente filosófica, habita este ensaio: a questão do *valor da existência* (BRUM, 2001, p. 78).

Schopenhauer foi um filósofo para além dos professores de filosofia de sua época, pois além de se desvincular do tradicional modo de se ensinar filosofia, também se preocupa com a questão fundamental da filosofia, a existência. Nisso, como em tudo o mais que diz respeito à sua postura filosófica, atuou ao contrário dos seus contemporâneos que, ao servirem cegamente ao interesse do Estado, deixaram o problema da existência de lado. Para Nietzsche, “toda filosofia que acredita que um acontecimento político possa dissipar-se, ou ainda, resolver-se, o problema da existência é uma brincadeira de filosofia, uma pseudofilosofia” (SE, § 4, pp. 164, 165). A existência é um problema menos importante para os filósofos de cátedra,

mas, segundo Nietzsche, é o verdadeiro problema da filosofia, algo já apontado em NT, quando o filósofo ressalta a necessidade de se pensar a existência por meio do pensamento trágico.

O gênio filosófico é um artista que retira de si próprio, não dos modelos que a história oferece o conhecimento básico sobre a vida. “A

vida enquanto *a priori* – este é o grande legado schopenhaueriano a Nietzsche” (BRUM, 2001, p.79). Estas são as características elementares do espírito livre, ele não é mais um servo do seu tempo nem de sua cultura. Por isso Schopenhauer seria exemplo de tal tipo.

■ ConTextura

## NOTAS

1. Cf., SE. pp. 154 e 203.
2. Cf., *Sobre a filosofia universitária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.p.4.
3. Cf., *ibidem*, pp. 37,38.
4. “O título *Cinco prefácios para cinco livros não escritos (Fünf Vorreden Zu fünf ungeschriebenen Bücher)* foi dado pelo próprio Nietzsche, que reuniu os seus escritos no natal de 1872 e os enviou à senhora Cosima Wagner.” (SÜSSEKIND, Pedro. Prefácio para prefácios. In: NIETZSCHE, F. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, Rio de Janeiro: Sete letras, 1996, p. 08).
5. Cf., NIETZSCHE, F. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Rio de Janeiro: Sete letras, 1996, p. 68.
6. Cf., SE, § 1, p.138.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS DE NIETZSCHE

NIETZSCHE, Friedrich. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, Rio de Janeiro: Sete letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 2008b.

\_\_\_\_\_. III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003a.

\_\_\_\_\_. Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre Educação*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003b.

### OUTRAS OBRAS

BARRENECHEA, Miguel Angel. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

BRUM, José Thomas, *O Pessimismo e suas Vontades*. Racco: Rio de Janeiro, 1998.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e Schopenhauer – da admiração à decepção*. In. Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea e Paulo Pinheiro (Orgs.). *Assim falou Nietzsche III: Para uma filosofia do futuro*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

COLLI, Giorgio. *Escritos sobre Nietzsche*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

- D'IORIO, Paolo. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e Schopenhauer: uma primeira ruptura*. In. Charles Feitosa, Miguel Angel de Barrenechea e Paulo Pinheiro (orgs.). *A felicidade à terra: Assim falou Nietzsche IV*. Rio de Janeiro: DPA&A, 2003. pp. 231 -243.
- \_\_\_\_\_. *Amizade Estrelar*. Rio de Janeiro: Imago, 2009.
- GOIS, Pamela Cristina de. *A PASSAGEM DA METAFÍSICA DE ARTISTA PARA A TIPOLOGIA DO ESPÍRITO LIVRE EM NIETZSCHE: um criar artístico e alegre contra a cultura moderna (dissertação de mestrado) – UFOP, Universidade Federal de Ouro Preto, p. 94, 2017.*
- MACHADO, Roberto. *O Nascimento do Trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- MOLDER, Maria Filomena. *Ser uma experiência de si própria: como tornar-se um espírito livre?* In. LIMA, Márcio José Silveira; ITAPARICA, André Luís Mota (orgs.). *Verdade e linguagem em Nietzsche*. Salvador: EDUFBA, 2012, 43 – 57.
- MULLIN, Amy. *Nietzsche's Free Spirit*. *Journal of the history of philosophy*, V.38, N. 3, July 2000. Pp.383-405 (article). Published by The Johns Hopkins University Press. DOI:10.1353/hph.2005.0059. Access provided by UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto (3Apr 2014, 12:46 GMT).
- PIMENTA, Olímpio. *Existem espíritos livres entre nós?* *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, GEN, No. 33 (versão online), 2013.
- SANTOS, Volnei. *Por uma filosofia da distância: ensaio em torno do pensamento de Friedrich Nietzsche*. Londrina: Eduel, 2009.
- SIMMEL, Georg. *Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- \_\_\_\_\_. *A construção do personagem “Espírito Livre” no contexto da filosofia errante de F. Nietzsche*. XII Congresso Internacional da ABRALIC, Curitiba. 2011. Disponível em <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0468-1.pdf> Acesso em 01/03/2014. Acesso em 01/03/2014. Acesso em 01/03/2013.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo Como Vontade e como Representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Dores do Mundo*. (Col. Universidade de Bolso). N° 20254. Rio de Janeiro: EDIOURO. S/d.
- \_\_\_\_\_. *Metafísica do Belo*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a filosofia universitária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WEBER, José Fernandes. *Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche*. Londrina: Eduel, 2011.